

5

CAPÍTULO

Aprendizagem criativa na aula de piano em grupo

“Refletir sobre a aprendizagem criativa na escola a partir das ideias dos alunos sobre música e sobre seus processos de aprendizagem permite redimensionar algumas concepções de educação musical, procurando considerar os sentidos e funções que as práticas musicais adquirem para os estudantes.”
(BEINEKE, 2015, p. 102)

Este capítulo buscará avaliar as perspectivas dos alunos das disciplinas PIH I e II do CLM da UFRN que participaram de práticas criativas na aula de piano em grupo, a respeito do processo de aprendizagem musical nesse contexto, tema de pesquisa deste livro. Os dados obtidos para a elaboração da análise apresentada foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, norteadas por um roteiro (Apêndice B), contendo questões pautadas nas concepções e perspectivas dos alunos a respeito de seus processos de aprendizagem musical, tendo em vista as vivências descritas no Capítulo 4. Ao todo, sete alunos participaram dessas entrevistas realizadas após o término das aulas. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas integralmente no caderno de entrevistas (CE).

Para a análise, consideramos algumas das contribuições teóricas apresentadas no Capítulo 2, especialmente as advindas das pesquisas que tratam sobre processos criativos e formativos em música relacionadas ao uso da composição em sala de aula, ensino de piano e perspectivas dos alunos e professores sobre processos de aprendizagem musical. Tendo em vista essas perspectivas teóricas delineadas no Capítulo 2, averiguamos que alguns estudos podem ser adotados

como modelos investigativos de pesquisas na área da educação musical e que muitos visam a compreender as perspectivas de crianças sobre seus processos de aprendizagem musical considerando-se a **aprendizagem criativa em música** (BEINEKE, 2008; 2009; 2011; 2012b; 2013; 2015; VISNADI, 2013; MACHADO, 2013).

Assumindo que nossa pesquisa não está relacionada ao público infantil, mas ao público adulto, buscamos por trabalhos que tratassem da **aprendizagem criativa em música** nesse contexto. No entanto, observamos a existência de lacunas, pois a maioria das pesquisas encontradas sobre a temática está relacionada a crianças e/ou a adolescentes. Numa outra direção, Bolsoni (2015) nos apresenta uma pesquisa em andamento que busca compreender os princípios da aprendizagem musical de alunos adultos que participam da prática do piano em grupo no ensino superior de música, objetivando conhecer as dinâmicas encontradas na aula coletiva de piano para estabelecer paralelos entre as práticas e as possíveis contribuições dessa aprendizagem musical na formação acadêmica. Em sua pesquisa, Bolsoni (2015) também busca compreender aspectos como a criação e utilização de atividades criativas na aula de piano, os processos musicais imbricados nessa aprendizagem, os resultados criativos produzidos pelos alunos e as concepções e perspectivas dos discentes relacionados a essa aprendizagem.

No contexto desta pesquisa, considerando o material coletado nas entrevistas, constituído por depoimentos dos alunos, organizamos, sintetizamos e sistematizamos as principais ideias encontradas. Desse modo, cada pergunta utilizada no roteiro dos questionários aplicados aos alunos foi considerada como ideia-tópico para facilitar o processo de compreensão e análise dos dados coletados. Posteriormente, selecionamos parte dos depoimentos obtidos como resposta às entrevistas, encontrados no CE; depois, editamos esses dados para formatar as ideias-centrais e promover a discussão com o referencial teórico adotado nesse trabalho e produzir as análises.

Em nossa pesquisa, categorizamos os dados coletados em três campos que compreendem as perspectivas dos alunos:

1. concepções, processos e produtos criativos;
2. aprendizagem de piano;
3. criatividade na formação docente em música.

Além disso, buscamos investigar as perspectivas dos participantes a respeito de seu processo de aprendizagem musical mediante o **ciclo da aprendizagem criativa em música** (BEINEKE, 2009; 2013; 2015), organizando os dados em três categorias que constituem as etapas deste ciclo: compor, apresentar e criticar

música em sala de aula: 1) **compor**: concepções a respeito de composição musical; perspectivas dos alunos relacionadas aos seus processos criativos; perspectivas dos alunos a respeito de suas criações musicais; 2) **apresentar**: perspectivas dos alunos a respeito da apresentação de suas criações musicais; 3) **criticar**: avaliação do processo criativo; avaliação dos produtos.

5.1 Concepções dos alunos a respeito do tema composição musical

A aprendizagem criativa em música envolve alunos em processos criativos de experimentação, inovação, invenção e investigação musicais e possui uma perspectiva sociocultural. Seu foco principal é o contexto no qual ocorrem os processos, o ambiente de sala de aula, sendo valorizadas as práticas culturais, interações entre indivíduos e ambientes sociais, os significados que estes atribuem à criatividade (BEINEKE, 2013; 2015).

Considerando esse importante pressuposto teórico-metodológico a respeito da aprendizagem criativa em música, buscamos verificar as definições dos alunos a respeito de composição musical e as principais ideias apontadas foram:

- é expressão de sentimentos por meio da música;
- é expressão de ideias por meio da organização de sons;
- resulta na realização de algo novo e belo artisticamente;
- é a exploração e experimentação de ideias musicais;
- une a imaginação e a criatividade;
- cria um quadro musical de cenas do cotidiano;
- é uma busca; experimentação;
- é uma experiência inacabada e única;
- é um processo subjetivo; e
- gera possibilidades de aprimoramento musical.

Para demonstrar essas definições, seguem três depoimentos dos alunos:

1. Perspectiva racional – expressão de ideias:

Se formos levar a sério o conceito das coisas, seria difícil definir até o que seria música. Por isso, falar sobre o que é compor música também é difícil. Mas, para mim,

compor música seria expressar com os sons aquilo que se passa por minha cabeça. (Informação verbal.)⁸

2. Perspectiva inovadora – inovação:

Acho que tem que ser algo novo porque compor uma música é criar e nunca reproduzir. (Informação verbal.)⁹

3. Perspectiva sentimental – expressão de sentimentos:

Manifestar através da música aquilo que você está sentindo. Você sente alguma coisa e tenta transcrever aquilo seja por uma partitura ou seja por uma gravação em áudio. (Informação verbal.)¹⁰

Por meio dos depoimentos obtidos, podemos constatar que as concepções dos alunos a respeito do que eles compreendem por compor música podem ser classificadas em diferentes perspectivas, entre elas: expressão de sentimentos e ideias por meio da música, experimentação, organização de sons, atividade que estimula a imaginação, experiência que pode expressar musicalmente cenas do cotidiano, atividade que está relacionada à inovação e à criatividade, experiência em processo constante e aprendizado que promove o aprimoramento musical.

5.2 Fatores que contribuem para a aprendizagem de piano

Nesta seção, apresentaremos alguns dos fatores que contribuem, na perspectiva dos alunos entrevistados na pesquisa, para sua aprendizagem de piano, por exemplo: o processo de autoavaliação; as contribuições de atividades criativas; a avaliação dos processos criativos; e algumas das dificuldades e meios de superação para aprender piano.

8 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

9 Palavras proferidas por William (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

10 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

5.2.1 Autoavaliação de aprendizagem musical

Nas respostas, os alunos consideraram que sua aprendizagem de piano foi acima da média, pois se autoavaliaram com notas entre 8 e 10, numa escala que variava de 0 a 10. Por meio de seus depoimentos, averiguamos que os alunos atribuem o seu aprendizado à compreensão e/ou ao aprimoramento de aspectos relacionados à técnica pianística, à performance e à criação musical integrando teoria e prática na aula de piano.

Entre os aspectos da técnica pianística destacados pelos alunos, estão o entendimento sobre postura, posição das mãos e uso correto do dedilhado, durante a execução de acordes e melodias, e a coordenação para tocar com as duas mãos. Entre os aspectos teóricos, práticos e performáticos, estão a compreensão sobre o processo de leitura de partituras, cifras e escrita musical e a possibilidade de tocar e acompanhar melodias simples. E entre os aspectos criativos, estão a possibilidade de explorar e organizar ideias musicais por meio de improvisação e composição no piano.

Os alunos também defendem a eficácia das atividades realizadas em grupo. Para exemplificar essas perspectivas apontadas, seguem fragmentos dos depoimentos dos alunos relacionados à sua aprendizagem de piano e à autoavaliação. Em alguns depoimentos, constatamos sentimentos de surpresa, insegurança e superação em relação às atividades de criação musical no piano:

Eu não esperava que eu pudesse compor, usar o piano para fazer uma composição. Eu achava que iria apenas acompanhar, fazer acordes, só isso. (Informação verbal.)¹¹

Outra aluna também apontou êxito em sua aprendizagem afirmando que:

consegui desenvolver a parte de criação e improviso. A meu ver foi um salto grande dessa parte de criar. Mas acho que eu precisaria melhorar em algumas coisas. (Informação verbal.)¹²

A surpresa de Íris nos faz refletir a respeito das expectativas dos alunos em relação à aula de piano e nos permite também indagar sobre a importância da inserção de atividades criativas, particularmente o uso da composição e a impro-

11 Palavras proferidas por Íris (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

12 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

visação, visando a uma aprendizagem mais significativa em música. Já no depoimento de Alice, observamos que a aluna percebeu avanços em sua aprendizagem, principalmente em relação à criação musical, mas, em geral, ela não ficou totalmente satisfeita em relação à sua aprendizagem de piano. Durante sua entrevista, Alice nos esclareceu que teve dificuldades para estudar porque não possuía instrumento em casa e, por isso, seu tempo de estudo se limitou às práticas em sala de aula ou quando havia disponibilidade nas salas de piano da Instituição na qual estudava.

Para Daniel, um aluno com muita prática de tocar de ouvido e experiências em composição e improvisação, principalmente ligadas às músicas gospel e popular, os avanços percebidos em relação à sua aprendizagem de piano se devem ao aprimoramento de sua técnica pianística e das habilidades de leitura de partituras, que lhe possibilitaram novas formas de expressar suas ideias musicais:

Eu, apesar de trazer uma bagagem musical muitas coisas que eram básicas e que são fundamentais, eu não sabia. Acho que melhorou muito assim a questão de minha postura, digitação e isso deu um ‘up’ na minha musicalidade, né!? E sem contar a questão da leitura que também melhorou. (Informação verbal.)¹³

As práticas como **tocar de ouvido** e **explorar sons** favorecem o processo de compor música em sala de aula. Nesse contexto, crianças e pré-adolescentes que criam suas próprias músicas mostram maior motivação, colaboração e aprendizado musical (SILVA, 2010). Em relação à pesquisa aqui relatada, verificamos que isso ocorre também com adultos.

A união entre teoria e prática foi outro aspecto apontado como importante no processo de aprendizagem de piano. Nas palavras de João:

Antes eu tinha um pouco de experiência, mas só sabia teoria e não sabia tocar. Agora eu já consigo fazer os acordes, tocar melodias simples com acompanhamento, tocar peças simples que eu não conseguia antes. Eu acho que foi significativo o que eu aprendi. (Informação verbal.)¹⁴

A aula de piano tornou-se um espaço para o desenvolvimento da execução e compreensão musical (MONTANDON, 1992). Nesse sentido, os alunos consideraram positivamente seu processo de aprendizagem de piano, relatando que as

13 Palavras proferidas por Daniel (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

14 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

atividades criativas desenvolvidas nas aulas de piano em grupo – a composição, a improvisação e o arranjo – permitiram uma constante atividade de tocar, criar e refletir sobre esses processos, permitindo uma maior compreensão sobre música. Além disso, expressaram que práticas criativas na aula de piano em grupo favoreceram o processo de aprendizagem musical. Na perspectiva deles, as atividades criativas incentivaram uma constante prática de tocar, explorar ideias musicais, simultaneamente desenvolvendo aspectos da técnica pianística. Permitiu esclarecer aspectos teóricos e práticos que culminaram em criações musicais, num processo envolvendo o ciclo da aprendizagem criativa em música (BEINEKE, 2009; 2013; 2015), no qual os alunos puderam criar/registrar, apresentar/compartilhar e analisar/criticar suas composições.

Considerando a possibilidade de modificar paradigmas, destacamos que a etapa de avaliação em música subsidia o processo de ensino e aprendizagem. O tema é complexo e ainda pouco explorado na área da educação musical e envolve tanto aspectos relacionados ao conhecimento em profundidade do objeto avaliado; a definição de instrumentos de avaliação e o estabelecimento de critérios; e também “um posicionamento pedagógico por parte do professor, que irá orientar a sua prática de ensino e, conseqüentemente, de avaliação” (SANTOS; HENTSCHKE; FIALKOW, 2000, p. 28).

5.2.2 Contribuições de atividades criativas na aprendizagem de piano

Segundo Beineke (2012b, p. 54), “na aprendizagem criativa, a realização de tarefas de criação colaborativa permite desenvolver e expandir a compreensão e construção de significados pelos alunos”. As atividades criativas desenvolvidas nesta pesquisa foram apontadas pelos alunos como **experiências ótimas**, motivadoras e inovadoras, capazes de favorecer a aprendizagem de piano, unindo teoria e prática musical, promovendo sociabilização, aproximando alunos e professor por meio de abordagens em grupo e individuais que favoreceram uma performance constante de tocar piano em sala de aula. Os alunos entrevistados afirmaram que o uso das atividades de improvisação, arranjo e composição foram importantes para sua aprendizagem de piano. Entre os principais motivos destacados pelos alunos em relação às contribuições das atividades criativas para a aprendizagem de piano estão aquelas que:

a. Permitem a compreensão de aspectos teóricos e práticos, integrando-os:

Quando eu tava criando uma música, meio que eu tinha que me apoiar no conhecimento sobre teoria musical e dominar mais o conhecimento teórico. Eu tinha que saber mais de teoria e praticar no piano e isso me ajudou a aprender mais. (Informação verbal)¹⁵.

b. Permitem criar/innovar musicalmente utilizando o conhecimento prévio dos alunos:

No momento em que a gente está compondo, somos obrigados a usar os elementos que temos e, muitas vezes, chega no momento em que você quer um algo mais. E é essa sede desse algo mais que a gente vai buscando com o professor e os colegas em sala para expandir o conhecimento. E aí a gente bota pra fora aquilo que a gente já tem e aí a gente busca o professor e busca mais conhecimentos e faz com que a gente evolua mais. (Informação verbal)¹⁶

Por meio da inovação, a criação musical, intermediada pelo professor de música, contribui para unir teoria e prática em sala de aula, valorizando, além do conhecimento do cotidiano dos alunos, as vivências em sala de aula, a construção de novos saberes, os processos e os produtos musicais: “Você pode colocar na sua composição arranjos ou acordes que não tem nada a ver, como um acorde diferente, inesperado, e assim pôr em prática as coisas que você aprendeu na aula” (informação verbal)¹⁷.

c. Geram maior motivação, interesse e curiosidade:

A partir do momento em que foi inserida a improvisação, a aula ficou mais atrativa. Inclusive, por causa disso, eu arrumava um tempo pra estudar no trabalho, improvisando, mesmo não tendo muita agilidade ainda, mas já fui conseguindo. Então, acho que é importantíssimo criar e improvisar música porque ficar só nos métodos, só lendo partituras torna a aprendizagem monótona. Meu principal instrumento é melódico, não é o piano, e sei que, quando ‘tô estudando piano, quanto mais diferenciado e atrativo for o ensino, será melhor para meu aprendizado. Eu acho que colocar um

15 Palavras proferidas por William (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

16 Palavras proferidas por Daniel (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

17 Palavras proferidas por Alberto (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

momento para improvisação, mesmo que a pessoa não tenha nem ideia do que seja improvisar, faz com que o aluno tenha uma coisa diferenciada, mais estimulante do que ficar parado no instrumento executando, executando, executando e sem alterar o andamento do aprendizado. (Informação verbal.)¹⁸

d. Incentivam a exploração do instrumento:

Acho que você começa a pesquisar no piano, os acordes, as melodias, o que vai encaixar com ela. Isso, me ajudou a explorar o instrumento, a fazer o que eu não fazia. Me ajudou a aprender piano. (Informação verbal.)¹⁹

e. Favorecem a performance por meio da prática contínua:

Esse trio compor, improvisar e arranjar faz parte de ser músico porque você não quer só reproduzir as partituras, reproduzir o que já existe. Você quer criar coisas novas. As três atividades só contribuíram para que eu aprendesse a tocar mais piano. Eu o tempo todo estava tocando. A prática ajuda muito. (Informação verbal.)²⁰

Portanto, podemos concluir que compor música contribuiu para a aprendizagem de piano dos alunos ao permitir uma prática constante de tocar em sala de aula, por meio de diferentes vivências, entre elas: tocar-improvisar, tocar-arranjar e tocar-compor.

5.2.3 Avaliando os processos criativos na aula de piano

Para Kebach (2009), uma proposta de ensino musical de adultos em ambiente coletivo pode ser favorecida por meio de atividades como **apreciação ativa, recriação e criação musical** visando a compreender posturas cooperativas na produção musical. Essas ações servem de recurso para observar as interações sociais, considerando uma perspectiva construtivista e interacionista relacionada às condutas psicossociais em ambiente de musicalização coletivo. Nesse contexto,

18 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

19 Palavras proferidas por Íris (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

20 Palavras proferidas por José (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

Kebach (2009) afirma que um ambiente cooperativo pode favorecer processos de criação autônoma. Diante disso, o conceito de criação musical é compreendido como “as produções criativas e originais, geradas coletivamente no espaço da oficina de musicalização coletiva” (KEBACH, 2009, p. 84).

Consideramos que as aulas de piano em grupo na pesquisa realizada se constituíram um espaço coletivo de musicalização no qual o processo criativo estabeleceu um elo entre os alunos e sua aprendizagem. Assim, entre as principais perspectivas apontadas pelos alunos em relação à avaliação de seu processo criativo e às produções na aula de piano, estão as seguintes impressões:

- foi preciso quebrar paradigmas para começar a criar música;
- o incentivo dos colegas e do professor foram fundamentais e auxiliaram no processo;
- o processo foi prazeroso;
- o processo de compor se assemelha a uma “caça ao tesouro”;
- compor no piano auxiliou na concentração;
- a improvisação permitiu unir elementos musicais para criar melodias; e
- compor música no piano e poder tocar a música criada foi uma grande realização.

Tendo em vista esses apontamentos, ressaltamos a importância da afetividade para o desenvolvimento criativo e no processo de aprendizagem musical e recomendamos que professores de música explorem tanto a afetividade quanto a criatividade no ambiente formal de ensino por meio de sua prática docente (NEDER, 2012). Ainda nesse contexto, constatamos que, nos depoimentos dos alunos, compor música é apontado como uma experiência prazerosa, semelhante a uma busca por uma recompensa:

Foi como se eu tivesse numa caça ao tesouro. A sensação de compor música é você está concentrado atrás de uma papel, olhando bem onde é que tá, indo atrás e aí vai. Tem uma hora que chega. Mas a hora que chega no [sic] tesouro não é nem na hora que você diz: “Tô com a música pronta”, mas na hora que você está com a primeira sequenzinha. (Informação verbal.)²¹

Compor envolve a prática constante de tocar. E quanto mais se toca, mais se cria música, e quanto mais se cria música, mais se pode tocar música:

21 Palavras proferidas por Alberto (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

Eu acho que tava tão automatizada a só ler a partitura pronta, né!? E de repente eu comecei a criar algo meu e comecei a tocar, tentar, né!? A prática ajudou e você saber a opinião dos outros ao ouvirem sua composição e dizer: “tá legal” e tal! Isso foi ótimo. Começou com a insegurança, mas depois eu vi que podia. Me senti capaz! (Informação verbal.)²²

A atividade de improvisação envolve a compreensão de diferentes aspectos e sua prática gera muita satisfação. Para os alunos que somente liam partituras, essa atividade gerou sentimentos de superação:

Quando eu fui improvisar ao piano, eu me senti como se eu tivesse realizado uma coisa que antes eu nunca tinha conseguido. Aqui no curso, quando eu comecei a entender a junção das escalas e dos acordes com a criação de uma melodia, juntar as coisas, mesmo sendo simples, eu me senti superando aquilo que eu ainda não tinha conseguido. (Informação verbal.)²³

Compor estimula a busca por conhecimentos e gera uma maior motivação e também uma maior prática musical:

Eu me senti muito bem, muito feliz por ter conseguido compor. Porque eu nunca imaginava isso. No início, eu pensava que não daria certo, mas, aos poucos, com esse negócio de ser cobrada, eu pensava “poxa, eu tenho que estudar. Eu tenho que ir atrás!”. Eu não tenho piano nem teclado em casa e, por isso, eu ficava na sala de piano da Escola de Música. Mas, às vezes, não tinha sala e eu tinha que correr atrás. Fui cobrada para estudar e comecei a fazer isso para poder conseguir criar música. Eu precisava entender o que eu estava fazendo para poder criar, porque os acordes encaixavam ou não. As atividades que foram feitas antes me ajudaram muito. (Informação verbal.)²⁴

A autoavaliação dos alunos a respeito de seu processo de criação musical revelou que improvisar, arranjar e compor música formam um processo prazeroso no qual a performance constante permitiu criar, recriar e aprimorar a habilidade de tocar piano. No entanto, o processo criativo revelou-se também como desafiador, carecendo da quebra de paradigmas, do auxílio e da colaboração dos colegas e do professor em sala de aula.

22 Palavras proferidas por Íris (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

23 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

24 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

5.2.4 Dificuldades e meios de superação

Os alunos apontaram também algumas dificuldades e o modo como estas foram superadas no processo de compor música na aula de piano:

5.2.4.1 Dificuldades

- falta de base teórica de harmonia;
- registro das criações musicais em partitura;
- falta de tempo para estudar;
- encontrar um tema ou motivo inicial para criar uma música;
- falta de técnica pianística;
- a complexidade da composição em relação às condições técnico-musicais para executá-la;
- dúvidas em relação a como começar a compor;
- insegurança e sentimentos de comparação em relação ao resultado da criação dos colegas; e
- não ter piano em casa e ter que competir por um horário vago numa das salas de piano da escola.

5.2.4.2 Método de superação

- inter-relacionando teoria e prática musical;
- lendo sobre teoria;
- pedindo ajuda ao professor;
- gravando as ideias musicais em áudio e/ou vídeo;
- persistindo;
- utilizando conhecimentos teórico de harmonia e contraponto e da prática de outros instrumentos para tocar piano;
- estudando em casa, no caso dos alunos que possuíam piano ou teclado;
- tendo o desejo de compor e de tocar;
- realizando as atividades em sala anteriormente, o que serviu como preparação para as criações musicais; e
- estudando bastante.

A liberdade em compor uma música da forma que se desejar pode representar um desafio diante da cultura de reprodução e pouco incentivo à criatividade e da insegurança de não se conseguir criar algo original, de inovar. Além disso, compor envolve diferentes elementos técnico-musicais que exigem o domínio do aluno:

A atividade mais difícil que fizemos foi compor livremente porque você tem que pensar em tudo, não estamos acostumados com a liberdade. E quando você pode criar uma música triste, alegre, em modo menor ou maior. Assim... é difícil. Eu já tinha tentado antes fazer isso, mas você tem que pensar em tudo, na letra, encaixar os acordes numa melodia perfeitamente e combinar tudo. Não é simplesmente escrever a música e jogar os acordes. Você precisa dar sentido à música, colocando acordes que façam isso. (Informação verbal.)²⁵

Um desafio durante o processo de composição de uma música no piano é seu registro por meio de notação convencional, uma vez que a criação pode se revelar mais complexa de registrar que de tocar no instrumento:

Eu fazia coisas, criava, mas na hora de escrever elas eram muito mais complexas do que eu conseguia escrever. Então, eu pedia ajuda aos professores e busquei conhecimentos, lendo um pouco mais sobre a escrita, tentando entender melhor e tirando dúvidas com os professores. Eu cheguei a registrar em partitura. Mas não a música que eu apresentei no recital. (Informação verbal.)²⁶

Aprender a compor utilizando o piano pode ser ensinado utilizando-se, para isso, atividades progressivas até que se possa compor livremente:

A parte de compor eu pensava que não ia conseguir. Mas o que me ajudou foi fazer por partes. Fizemos três atividades, uma de criar uma melodia a partir de uma harmonia; outra de harmonizar uma melodia e a terceira de compor livremente uma música. A atividade de criar uma melodia foi a que eu gostei mais. O que facilitou foi eu já ter uma harmonia onde criar em cima. Eu já tinha alguma coisa para saber por onde eu podia ir, já tinha um caminho que eu podia seguir e criar outras coisas. Depois, na outra atividade que era harmonizar uma melodia, eu usei o aprendizado das inversões que eu tinha visto antes. Então foi muito bom. Mas, na parte de compor uma música livre, eu fiquei com dificuldade porque era mais fácil já ter alguma coisa pronta. Eu não sabia por onde começar. Como é que eu ia criar um tema? Até mesmo

25 Palavras proferidas por José (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

26 Palavras proferidas por José (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

a questão de que quando eu ia tocar no piano sempre vinha aquela mesma coisinha bem certinha e eu não consegui desenvolver como eu via os colegas fazendo uma coisa bem mais livre e eu pensava “caramba, eu queria fazer um negócio desses!”. Mas eu acho que ainda vou ter que estudar um pouco mais para conseguir, porque eu acho que você consegue se estudar e se dedicar bastante. (Informação verbal.)²⁷

Saber por onde começar a compor constitui-se um grande desafio. Uma das soluções é persistir sempre:

Minha maior dificuldade foi encontrar um tema, um norte que eu achasse bom o suficiente para encaixar na música, na tonalidade, no ritmo, na harmonia, para que eles pudessem se encaixar entre si; achar essa fluidez dos temas. Mas, depois, fui encaixando os temas um no outro e foi dando certo. Consegui superar por causa da persistência. (Informação verbal.)²⁸

O resultado de uma criação musical depende muito da bagagem de conhecimentos e das experiências do indivíduo que a produz. Todo o conhecimento que ele possuir ajuda no processo:

Minha composição poderia ficar mais rica se eu tivesse mais embasamento teórico. Eu acho que o tempo é muito curto para aprender. Eu estudei o curso básico, o técnico e me achei deficiente. O que eu vi de harmonia foi nessa aula de piano harmônico. Eu paguei a disciplina de harmonia, mas era diferente de você ver e tocar. Eu não via relação, na época que eu paguei essa disciplina, entre teoria e prática. Acho que ainda não superei minhas dificuldades. Esse conhecimento prévio é importante para superar. Por exemplo, se você me pedir: toque uma música em dó maior, eu acho que consigo, mas se você pedir outra coisa eu acho que eu não consigo tocar. (Informação verbal.)²⁹

Criar música na aula de piano apresentou aspectos desafiadores que foram superados, ou parcialmente superados, no decorrer das aulas. Os alunos apontaram, entre os aspectos que geraram maiores dificuldades: a necessidade de um maior conhecimento de harmonia e de teoria musical; a elaboração de um motivo

27 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

28 Palavras proferidas por William (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

29 Palavras proferidas por Íris (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

inicial para sua música e também o registro em partituras suas criações. Entretanto, visando a superar esses desafios, os alunos consideraram fundamental o processo de colaboração e vivências em sala de aula, intermediadas por colegas e professores; maior dedicação e tempo de estudo, bem como o processo de gravação de suas criações musicais.

5.2.5 Criando e analisando as composições musicais

Experiências em composição podem levar os alunos a desenvolverem sua própria voz nessa forma de discurso simbólico. Durante esse processo, ideias musicais podem ser transformadas, assumindo novos níveis expressivos e significados, articulando assim sua vida intelectual e afetiva (FRANÇA; SWANWICK, 2002, p. 10).

Em consonância com o pensamento de França e Swanwick (2002), compor música apresenta-se como uma rica experiência na qual alunos podem expressar seu discurso musical unindo, simultaneamente, razão e sensibilidade ao elaborar e desenvolver suas composições. Isso dito, considerando os depoimentos de alguns dos alunos entrevistados em nossa pesquisa em relação ao processo de criação e análise de suas próprias composições, constatamos que alguns desses alunos se sentiram melhor compondo em grupo do que sozinhos; outros gostariam de ter elaborado músicas mais complexas; alguns se mostraram satisfeitos com os resultados de suas criações, apesar do pouco tempo para a elaboração de suas composições; uns se sentiram criativos produzindo algo novo; outros sentiram que suas produções ainda não estavam maduras; alguns admitiram que compor ampliou as possibilidades de ouvir música, incentivando a crítica e a análise musical, e ajudou a compreender formas, estruturas musicais e harmonia; uns consideraram que a composição dos colegas incentivou e também inibiu a criatividade.

É melhor compor em grupo que sozinho:

Antes, quando eu ia compor, eu ficava pensando que só podia usar as notas daquela escala. Aí não ficava encaixadinha... quer dizer, ficava encaixadinha, só que não ficava nada diferente. Era como se eu já tivesse ouvido aquilo. Não trazia algo novo. Mas, dessa vez, eu usei notas diferentes, muitas notas com sustenidos, diferentes sonoridades, quase uma escala cromática. Eu usei isso em minha composição. (Informação verbal.)³⁰

30 Palavras proferidas por Alberto (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

Inovar exige dedicação e muita experimentação:

Quebrei um pouco a cabeça para fazer uma coisa diferente, para sair daquele negócio bem certinho. Foi bom ter feito isso e ter participado. Quando eu fui fazer minha composição livre, eu usei as coisas que eu havia aprendido nas aulas e usei nela, como as expressões piano, crescendo e forte, a sequência dos acordes. Eu queria até ter tocado no recital, mas acabou que não deu certo porque eu estava um pouco insegura pra fazer isso. (Informação verbal.)³¹

O uso de atividades de composição na aula de piano atendeu às necessidades pedagógico-musicais encontradas. Porém, alguns alunos não se sentiram satisfeitos com os resultados artístico-musicais de suas criações. Além disso, o pouco domínio do piano pode ser um fator limitante quando o aluno possui muito conhecimento sobre teoria e consegue escrever mais que tocar sua própria composição:

Achei que, do ponto de vista didático, foi cem por cento, mas, musicalmente, eu acho que, se uma pessoa vai criar uma música, sempre quer colocar mais coisa. Acho que faltou ousadia na minha criação. Inclusive, teve um colega aqui que tocou a composição dele e colocou uns acordes complicados. Ficou bonito! Mas, caramba, aí eu fiquei pensando que minha música estava muito simples. Pelo fato de ele já ter mais prática, eu acho que facilitou para que ele pudesse compor uma música mais bonita. E justamente por eu não ter essa prática que eu não quis inventar. Pensei: “não, não vou fazer isso porque fica muito difícil e depois eu terei que conseguir tocar”. Mas eu acho que fui bem, porque eu consegui atender ao que as atividades pediam. Mas eu poderia ter ousado mais se eu tivesse com um domínio maior do instrumento. (Informação verbal.)³²

Compor música em sala de aula ainda representa um desafio para muitos estudantes. Talvez isso ocorra em virtude do histórico de vida desses estudantes com pouca experiência criativa. Outro motivo possível seria a falta de habilidade técnica para se expressar livremente no instrumento. No entanto, consideramos ser possível estimular práticas de criação musical a partir dos conhecimentos técnico-musicais apresentados pelos alunos em qualquer estágio de aprendizagem, mesmo durante a aprendizagem inicial de um instrumento como o piano. Compreendemos que o processo de compor no piano une diferentes conhecimentos, que envolvem teoria e prática, por meio de vivências mais prazerosas e desafiadoras.

31 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

32 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

5.2.6 Apresentando e compartilhando as criações musicais

O processo de criação musical foi permeado por diferentes situações, nas quais os alunos foram solicitados pelo professor a apresentar suas composições, tanto em sala de aula quanto numa comunidade virtual e também na realização de um recital público. Sobre esse processo de apresentação pública de suas composições, os alunos demonstraram sentimentos, por vezes conflituosos, durante as entrevistas: insegurança para compartilhar a composição; vazio; bem-estar; nervosismo; entusiasmo; desejo de emocionar as pessoas; sensação de realização pelo trabalho desenvolvido; satisfação; aumento de autoconfiança; medo de se expor; medo de não conseguir tocar o que compôs e amparo vindo dos colegas.

Sob a óptica da aprendizagem criativa, as práticas musicais em sala de aula não visam apenas à criação de algo novo para os alunos ou à aplicação de conhecimentos adquiridos, pois mais do que os produtos elaborados em aula, o foco são as aprendizagens colaborativas, de seres humanos que se relacionam fazendo música, que se escutam e que aprendem uns com os outros (BEINEKE, 2012b, p. 56).

Após o processo de elaboração das composições, as etapas de apresentar e criticar música foram consideradas fundamentais para a aprendizagem musical na perspectiva dos alunos que, por meio disso, puderam receber elogios e críticas e aprimorar suas ações criativas: “Essa é uma parte fundamental porque você recebe a crítica dos outros, e isso é bom porque serve para o seu aprimoramento. Acho que o pessoal gostou. Me senti realizado” (informação verbal)³³.

A insegurança em apresentar suas criações aos colegas também fez parte do processo: “Quando a gente faz uma música, mesmo que não queira, a pessoa fica com aquele receio de que não ficou bom e se compara com os outros. Mas eu encarei minha composição como um exercício de sala de aula e achei que ficou bom” (informação verbal)³⁴.

O apoio dos colegas foi considerado como um meio de superar a insegurança. Durante o processo de apresentação das composições, todos participaram dando sugestões e incentivando uns aos outros.

33 Palavras proferidas por José (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

34 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

A princípio eu me sentia assim, essa sensação de muito vazio por ter que mostrar isso. Mas, depois, você mostra e vê a reação das pessoas. Não é bem o que você pensava. Às vezes, eu acho que a sua forma de ver é diferente dos outros e eu me senti bem. A princípio, eu não queria muito, era como se fosse meio só pra mim mesmo. Mas eu acho que é importante você compor e compartilhar, os amigos vão dando sugestões... então, é muito mais rico quando você compartilha. Você aprende mais. (Informação verbal.)³⁵

E, ao apresentar suas composições, os alunos também puderam superar sua insegurança e receber elogios de reconhecimento por seu trabalho criativo.

Eu tava meio assim sabe... será que ‘tá bonito? Aí veio alguém e deu um elogio e falou que ‘tava massa. O povo nunca elogia... me senti bem. E no recital, quando eu apresentei a composição, eu me senti bem porque minha namorada estava lá... Ela não sabe que eu fiz a música por causa dela... Eu vou falar para ela depois [risos]. (Informação verbal.)³⁶

Os colegas dão opinião, porém quem está compondo tem a palavra final e faz suas próprias escolhas, influenciadas ou não pelas sugestões de terceiros:

Quando eu mostrava minha composição tocando para uma colega de sala, ela falava que gostava da música e também tinha essa troca de ela falar coisas e dar opinião. Quando eu estava criando, eu mostrava para essa minha amiga e ela dizia: “faz assim, faz assim... assim ficou estranho. ‘Tá muito dissonante”, então foi uma criação em conjunto, mas também teve o meu ponto. Ela dava opinião, mas no fim eu que decidia o que fazer. Mas foi bem legal ter alguém para compartilhar. Eu não quis colocar a música no grupo do WhatsApp porque achei que não estava pronta, mas minha colega ficava insistindo para que eu gravasse e colocasse lá. (Informação verbal.)³⁷

No contexto das aulas, parte da comunicação e troca de arquivos foram realizadas por meio de e-mails e do aplicativo WhatsApp, utilizado para a criação e a manutenção do grupo virtual EPG, que possibilitou ampliar o compartilhamento de informações e dados dentro e fora do ambiente de aula. A escolha dessa ferramenta se justifica mediante o cenário contemporâneo, no qual há uma grande valorização dos meios de comunicação via redes sociais virtuais. Nesse contexto,

35 Palavras proferidas por Íris (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

36 Palavras proferidas por Alberto (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

37 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

entendemos que o uso de aplicativos, como o WhatsApp, pode ser considerado como fonte inovadora de comunicação entre professores e alunos, permitindo maior participação e integração para facilitar os processos de aprendizagem. Entre as vantagens de sua utilização estão a possibilidade de trocas de informações via mensagens de textos e o compartilhamento de fotos, áudios, vídeos e *links* de sites. Nesse contexto, essa rede social se constitui num meio eficiente para compartilhar ideias, realizar atividades, esclarecer dúvidas, promover discussões e favorecer a colaboração e participação de grupos sociais. No entanto, também poderia ter surtido efeito contrário, provocando dispersão, desentendimentos na comunicação e confusões, caso a comunidade virtual não possuísse regras e também moderadores no grupo para inibir o compartilhamento de informações descontextualizadas das aulas. Ao utilizarmos a comunidade virtual EPG, mediamos o processo de comunicações, as trocas e incentivamos os participantes a manterem o foco nos assuntos e nas atividades relacionadas às aulas. Na maior parte do tempo isso foi feito. Segundo Honorato e Reis (2014, p. 5), “com a participação do professor mediando o grupo, o aplicativo WhatsApp pode ser uma ferramenta utilizada na educação”.

Além disso, estabelecemos algumas regras de convivência no grupo e, quando alguém conduzia os assuntos para uma direção não relacionada aos interesses do grupo, alguém alertava para isso e retomávamos o foco. Essa comunidade também serviu para compartilhar as composições dos alunos e estabelecer rodas de conversa virtuais.

No contexto do recital público, os alunos mostraram sentimentos de nervosismo, insegurança, alegria, satisfação e superação. Alguns não tiveram coragem de se apresentar porque consideraram que sua composição não estava pronta para isso, enquanto outros se apresentaram e se sentiram reconhecidos por suas criações musicais:

A princípio, a gente sempre fica com friozinho na barriga porque a gente, como artista e músico, toca para nós, mas também tocamos para emocionar as pessoas. Trazer um pouco de alegria para as pessoas. Então, no momento em que a gente faz uma composição quer emocionar as pessoas. Se as pessoas sentirem a emoção, vai evidenciar que as pessoas gostaram da música. No recital, por exemplo, eu fiquei muito alegre. Eu tive a sensação de alcançar meu objetivo, de ter acertado no alvo. As pessoas depois vieram conversar comigo me disseram: “Poxa! Sua música ‘tava massa...”, foi muito legal! Me emocionou de verdade. E era realmente isso que eu tinha dentro de mim. Eu quis tocar os acordes, a forma que eu organizei os acordes ali, o que eu imaginei... o *feeling*... que eu queria dar, o clima, era realmente para emocionar as pessoas, né. E é isso. (Informação verbal.)³⁸

38 Palavras proferidas por Daniel (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

O recital realizado foi fundamental para que os alunos tivessem a oportunidade de apresentar a performance individual e/ou em grupo de suas criações musicais, improvisações, composições, arranjos e interpretações de outros repertórios ao público e, logo em seguida, receber *feedbacks*. De uma forma geral, o recital foi um momento de confraternização e realização musical, que foi considerado um evento positivo, o que pode ser verificado tanto por meio do depoimento dos participantes quanto por meio dos aplausos e comentários da plateia presente.

5.3 Criatividade na formação docente em música

A formação docente em música constitui um assunto complexo, que pode abranger diferentes situações, contextos e aspectos formais e informais de ensino e aprendizagem de música. Porém, neste livro, pretendemos delimitar esse assunto e discutir a respeito do papel da criatividade na formação docente a partir das perspectivas dos alunos participantes das disciplinas PIH I e II, relacionadas às práticas criativas e vivências nas aulas de piano em grupo apontadas no Capítulo 4.

De acordo com Couto (2014, p. 251):

O trabalho acadêmico que visa a formação de professores – ou seja, a licenciatura – não deve perder de vista que a finalidade última da educação musical é a de levar o indivíduo à compreensão da linguagem musical, para que este desenvolva ferramentas perceptivas que lhe capacitem um grau de fruição estética só alcançável através de uma educação sistematizada. O que pode variar são as metodologias, abordagens teóricas, estratégias pedagógicas, mas jamais o objetivo final, que é a compreensão das músicas enquanto discurso.

Independentemente das abordagens pedagógico-musicais utilizadas em sala de aula, consideramos fundamental a valorização do estímulo a um fazer e a um pensar musical permeados por práticas criativas que favoreçam a formação docente em música, principalmente considerando-se o uso da composição como ferramenta pedagógico-musical.

A seguir, discutiremos a respeito de diferentes perspectivas relacionadas à formação docente em música destacando: o papel do piano e as contribuições de compor no piano para o professor de música e o elo criativo na formação docente em música.

5.3.1 O piano para o professor de música

Na perspectiva dos alunos, o piano é um instrumento completo e fundamental para o educador musical, já que oferece um conhecimento geral de música; possibilita a realização de muitas atividades na aula de música; ajuda na musicalização; auxilia na visualização das notas por meio da rápida visualização nas teclas; ajuda a ensinar harmonia; é o melhor instrumento para ensinar música e teoria musical; permite dar exemplos musicais em sala de aula; enriquece o professor como músico; auxilia na elaboração de composição, improvisação e arranjos musicais; auxilia a dar exemplos na aula de música; ajuda a cantar e fazer os alunos cantarem; possibilita fazer o aquecimento vocal, a harmonizar vozes e a fazer acompanhamento musical e ajuda a aplicar na prática o ensino teórico.

O piano é um instrumento que permite realizar diversas abordagens no ensino de música, contribuindo tanto para o esclarecimento de aspectos teóricos, por meio da prática e execução, quanto aspectos musicais, podendo promover a interdisciplinaridade e a união entre teoria e prática musical.

No início, aprender improvisação, arranjo e composição no piano dificultaram um pouco porque eu não estava acostumada com esse pique de trabalho antes. Mas depois, eu ficava observando as aulas de teoria da graduação e comparando as coisas e dizia para uma amiga que também fazia a disciplina: “Poxa, oh! Tá vendo aquele negócio que a gente aprendeu?”. Tudo se aplicava. A gente via na prática do piano aquilo que estávamos estudando na teoria. E isso também me fazia pensar como a gente poderia ensinar para alguém. (Informação verbal).³⁹

A prática de acompanhamento pode contribuir para o trabalho do professor de música: “Eu acho que aprender a tocar piano é interessante para eu ter uma ideia geral de como é a harmonia e a melodia da música. Se, por exemplo, os alunos cantam e eu consigo acompanhar a música no piano, isso já vai ajudar na aula” (informação verbal)⁴⁰.

Os alunos consideraram também que em relação à aprendizagem de piano, o professor de música deveria compreender bem sobre harmonia para saber tocar minimamente músicas simples; ter boa leitura de partituras para compreender de forma prática elementos da teoria musical; saber executar acordes, arpejos,

39 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

40 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

escalas, padrões harmônicos e rítmicos de acompanhamento; saber minimamente sobre técnica pianística, dedilhado, postura; possuir coordenação para executar música utilizando as duas mãos; saber compor música no piano e improvisar.

Todo professor de música deveria dominar minimamente o piano e ter a possibilidade de tocar e/ou acompanhar um repertório elementar:

Saber tocar pelo menos músicas simples como canções folclóricas. Saber acordes, escalas e sequências harmônicas; conseguir tocar e fazer as passagens de forma mais simples; tocar junto; fazer melodias e acordes com as duas mãos, a questão de tocar junto, independência das mãos. Eu acho que eu ainda estou fraquinho nisso, mas eu acho que é muito importante saber pelo menos isso. (Informação verbal.)⁴¹

De acordo com o depoimento dos alunos, saber criar música no piano favorece uma formação musical mais completa, ou seja, ajuda a saber tocar para conseguir explicar como se faz música; estimula o aprender a compor e oferece meios para ensinar os alunos a comporem sua própria música. A composição oferece uma base sólida para aprender música; as experiências de compor na aula de piano incentivam a ensinar de forma criativa aos alunos e contribui para a formação docente em música e auxiliam na elaboração de novas ações didático-musicais, mas, para isso, é preciso vivenciar os processos de formação durante o curso de piano.

A possibilidade de se expressar no piano estimula o professor a incentivar a liberdade criativa de seus alunos:

quando eu comecei a ver nessa aula um intervalo para eu poder me expressar, eu pensei que ela estava atendendo a nova ideia de ensino, aquela que eu estudo aqui na teoria na universidade, de que o professor busca o que o aluno tem e a partir dessa música ele prepara sua aula. (Informação verbal.)⁴²

Um dos desafios da educação musical na atualidade ainda está relacionado a mudanças de paradigmas em relação a antigas práticas pedagógicas conservadoras que pouco valorizam a criatividade em sala de aula e pouco consideram os conhecimentos que os alunos trazem de seu cotidiano. De acordo com Campos (2000, p. 191), é preciso considerar “a importância da participação da pessoa como ser pensante que constrói e explora sua criatividade ao aprender algo, usan-

41 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

42 Palavras proferidas por João (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

do a liberdade de se expressar, a intuição e inspiração para alçar vôos mais altos”. Assim, acreditamos que, ao oferecermos uma aula de piano em grupo, a liberdade de expressão criativa dos alunos, valorizando seus conhecimentos e produções musicais apresentadas, foi possível incentivar sua autonomia e promover uma aprendizagem musical mais significativa, contribuindo para sua formação docente em música.

5.3.2 Compor no piano contribui para a formação do professor de música

Na perspectiva dos alunos, aprender a compor música no piano permite que: 1) o professor de música elabore uma aula criativa e estimulante, alternativa aos métodos; 2) a visão de música do professor seja ampliada; 3) os alunos sejam desafiados a criarem sua própria música, sendo uma atividade que pode ser utilizada no cotidiano do professor; 4) relações afetivas e troca de conhecimentos entre professor e aluno sejam estabelecidas; 5) o uso de tecnologias em sala de aula por meio da gravação e compartilhamento das criações musicais seja estimulado; 6) subsídios para que o professor ensine criativamente sejam oferecidos; 7) princípios pedagógicos da educação musical sejam aplicados na prática, tendo em vista o universo musical do aluno; 8) o professor elabore arranjos das músicas desenvolvidas em sala de aula e também que a elaboração de materiais didático-musicais seja favorecida; 9) o professor demonstre exemplos práticos de abordagens teóricas; 10) meios para se compor com os alunos sejam oferecidos de acordo com a realidade encontrada na escola; 11) os alunos percebam que aprender a compor no piano também abre possibilidades para se compor a partir de outros instrumentos ou vozes.

Nesse sentido, aprender a compor no piano contribui para a formação do professor de música: “Você pode trabalhar músicas simples na aula ou num recital com seus alunos e, mesmo quando você toca uma melodia lendo uma partitura, você pode improvisar e não ficar preso. Mas se você não teve essa experiência no curso de piano, isso fica mais difícil depois” (informação verbal)⁴³. Considerando esse depoimento, podemos dizer que compor na aula de piano, no contexto da formação docente em música, permite, além de estimular o potencial criativo dos alunos, ampliar as possibilidades didático-musicais utilizadas em sala de aula, bem como favorecer o processo de aprendizagem musical.

43 Palavras proferidas por Alice (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

Em outra fala: “Eu acho que um professor que aprende criando aprende de forma mais significativa. Eu acho que você pode ensinar assim e seus alunos aprenderão de forma mais consistente criando música” (informação verbal)⁴⁴. Ponderando a respeito desse depoimento, aprender a compor no piano serve também para ensinar a compor em outros instrumentos e pode auxiliar o professor de música na elaboração e aplicação de outras práticas criativas em sala de aula. “No ato de ensinar o professor não somente mobiliza saberes, mas efetivamente constrói novos saberes” (HENTSCHKE; AZEVEDO; ARAÚJO, 2006, p. 57). Desse modo, a fala de Íris revela a possibilidade de mobilizar os conhecimentos construídos na aula de piano em grupo para sua atuação como educadora musical:

Eu acho que em relação a minha didática, com base em composição, eu possa usar isso para ensinar meu aluno mesmo em outro instrumento a fazer melodias, a usar uma escala. Por aí... Eu acho que ajuda a fugir dos métodos... assim... dos métodos ativos... eu acho que, às vezes, você segue os métodos e só quer seguir aquilo ali. Então, criatividade, composição já faz você ver de forma diferente, né! Muda a tua didática. Assim, você pode ver que é possível pedir para um aluno criar uma melodia em cima de uma harmonia. (Informação verbal.)⁴⁵

Os conhecimentos prático-reflexivos do professor de música são adquiridos em meio às diferentes situações, desafios e superações encontrados ao longo de sua formação e em seu cotidiano de atuação profissional. Esses conhecimentos capacitam o professor para a atividade docente, permitindo a reinvenção de suas ações e práticas, alicerçadas em saberes como o conhecimento na ação, a reflexão na e sobre a ação, a orientação situacional e a orientação experiencial. A junção de todos esses conhecimentos constitui o mais importante saber do professor: o **conhecimento prático** que se constrói ao longo do tempo por meio de vivências acadêmicas e pessoais, promovida pela superação dos desafios e realidades presentes na sua atuação, de erros e acertos (BEINEKE, 2012a). Por isso, “é por intermédio da reflexão que o profissional aprende a lidar com as situações únicas, incertas e conflituosas das relações estabelecidas nos espaços de produção do conhecimento, seu mundo prático, incluindo, também, o diálogo reflexivo com a ciência (BEINEKE, 2012a, p. 200).

A aprendizagem no contexto universitário exige do estudante uma atitude mais independente, autônoma e autoconfiante, que pode ser estimulada pelo

44 Palavras proferidas por William (pseudônimo) – aluno participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

45 Palavras proferidas por Íris (pseudônimo) – aluna participante desta pesquisa, durante entrevista realizada na EMUFRN, em Natal (RN), em junho de 2015.

professor quando este assume uma postura de **catalizador** do potencial criativo de seus alunos. No entanto, conforme Alencar (2002), estudantes universitários consideram que seus professores são pouco criativos e, geralmente, atuam como meros transmissores de informações. Tal fato reforça a necessidade de que professores repensem sua atuação, oferecendo maior atenção à criatividade nos diferentes contextos do ensino universitário, buscando oferecer uma formação docente voltada para a criatividade, contribuindo para a construção de jovens professores mais críticos, criativos e envolvidos socialmente. E talvez, como consequência desse envolvimento, seja possível o estabelecimento de uma cadeia criativa, na qual professores universitários estimulam discentes em formação a serem criativos e, por sua vez, após formados, esses futuros professores podem também estimular seus alunos a serem criativos (RIBEIRO; FLEITH, 2007).

Tendo em vista o pensamento expresso acima, apresentamos no diagrama abaixo uma síntese integrando a cadeia criativa apontada por Ribeiro e Fleith (2007) ao contexto da formação docente em música:



Figura 5.1 – Ciclo criativo de formação em música. Fonte: Rocha (2015o).

Beineke (2012b, p. 54) afirma que, “na perspectiva da aprendizagem criativa, é necessário considerar que o grupo em sala de aula configura uma comunidade de prática que está se iniciando coletivamente num domínio específico: a música”. Por isso, levando em consideração esses pressupostos apontados por Ribeiro e Fleith (2007) e Beineke (2012b), bem como também considerando nossas experiências pedagógico-musicais vivenciadas nas disciplinas PIH I e II na

pesquisa aqui realizada, defendemos uma formação docente em música que tenha em vista tanto um ensino criativo quanto uma aprendizagem criativa para que seja possível o estabelecido de um **ciclo criativo de formação em música**, no qual o professor universitário ensina utilizando práticas criativas em sala de aula; seus alunos, que são futuros professores de música, aprendem criativamente e, ao se formarem, esses novos professores poderão ensinar criativamente nos diversos contextos em que pretenderem atuar.

5.4 Síntese do capítulo

Neste capítulo, avaliamos as perspectivas dos alunos participantes das disciplinas PIH I e II do CLM da UFRN acerca de seu processo de aprendizagem musical. Considerando os depoimentos dos alunos, foi possível avaliar que eles tiveram um considerável aproveitamento de aprendizagem durante a realização das aulas. Essa aprendizagem ocorreu mediante um processo que envolveu práticas criativas, consideradas, na perspectiva dos alunos, como meios importantes não somente para que estes pudessem aprender a tocar um instrumento, mas por possibilitar o acesso a outros aspectos formativos compreendidos na área da educação musical: aspectos técnico-musicais, afetivos, motivacionais, sociais, culturais e criativos. Além disso, permitiu o estabelecimento de trocas, processos colaborativos dentro e fora de sala de aula; interdisciplinaridade; união entre teoria e prática; possibilitou inovações por meio de elaborações musicais originais; permitiu compor, apresentar e criticar os produtos criativos não somente para os colegas e para o professor, mas também para o público. Por fim, mediante o depoimento dos alunos, os pressupostos apontados embasados nos autores que serviram como referência para a presente pesquisa, e as experiências obtidas durante a realização dessa pesquisa, acreditamos na eficiência e viabilidade de práticas criativas na aula de piano em grupo.